

CARVALHO, J. M. R.; SANTOS, M. I. L. Características da serialização no Português brasileiro: um estudo preliminar das construções *foi e fez*. *ReVEL*, v. 22, n. 42, 2024. [www.revel.inf.br].

Características da serialização no Português brasileiro: um estudo preliminar das construções *foi e fez*

Janayna Maria da Rocha Carvalho¹

Maria Isabel Lopes dos Santos²

janaynacarvalho@gmail.com

mmariaisabelopes@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho, analisamos as construções *foi e fez* – CFFs, tal como definidas por Rodrigues (2006), buscando sua categorização em termos de uma tipologia de serialização, além de fazer os primeiros apontamentos sobre a sua estrutura sintática. Em linhas gerais, as CFFs são formadas a partir da combinação de dois verbos que carregam a mesma flexão e podem, ou não, ser unidas pela conjunção *e*, como em *João pegou (e) falou a verdade*. A partir de suas características empíricas, argumentamos que as CFFs são exemplos de sentenças seriais, mesmo que possuam, opcionalmente, marcas de coordenação. Dentre os tipos de sentenças seriais existentes, por sua vez, argumentamos que elas são do tipo aspectual. Essa classificação difere de trabalhos prévios sobre as CFFs e sobre as sentenças seriais de um modo geral. Para Rodrigues (2006), CFFs não são seriais e não veiculam aspecto. Para Aikhenvald (2018), sentenças seriais não podem ter marcas de coordenação ou subordinação ligando os dois verbos, para não ferir a condição de monoclausividade das sentenças. Mesmo que a conjunção coordenativa seja possível, os testes realizados evidenciam que os verbos nas CFFs são sintática e semanticamente dependentes, portanto, a conjunção *e*, quando presente, é uma marca de pseudocoordenação. Em relação ao estudo de Rodrigues (2006), demonstramos a manifestação de uma temporalidade não dêitica por parte de V₁ em relação à ação expressa por V₂, o que evidencia o valor aspectual de tais sentenças. Este trabalho, portanto, descreve as particularidades de um conjunto de sentenças seriais no português, ao mesmo tempo em que discute os critérios gerais para serialidade nas línguas.

PALAVRAS-CHAVE: sentenças seriais; português brasileiro; aspecto.

ABSTRACT: In this work, we analyze *foi e fez* constructions (FFC), as dubbed by Rodrigues (2006), with the aim of categorizing them within a serialization typology and making some preliminary remarks about their syntactic structure. Broadly, CFFs are formed by the combination of two verbs with the same inflection which can or cannot be conjoined with *e* (and), as in: *João pegou (e) falou a verdade* (lit. *João took (and) spoke the truth*). Considering their empirical characteristics, we argue that CFFs are instances of serialization in Brazilian Portuguese, even if they optionally display coordination marks. When a typology of serialization is considered, CFFs fit into the aspectual type. Our classification of CFFs as aspectual serial sentences differs from previous studies about CFFs and from some criteria for categorization of serial sentences in general. Rodrigues (2006) claims that CFFs do not convey aspect. For Aikhenvald (2018), serial sentences cannot have coordination or subordination marks linking the two verbs to obey a monoclausal condition. However, our tests show that the verbs in a CFF are syntactic

¹ Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Adjunta II na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Este artigo foi desenvolvido durante estágio de pós-doutoramento no Departamento de Linguística do MIT, com auxílio financeiro da CAPES (número do processo: 88887.877982/2023-00), ao qual a autora agradece.

² Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

and semantically dependent of each other, even if the coordinate conjunction (*e*) is possible. When *e* is present, this conjunction introduces a pseudo-coordination. With respect to Rodrigues' (2006) objection to an aspectual flavor in these sentences, we demonstrate the presence of a non-deictic temporality in V1, endorsing the aspectual role of this verb. In sum, this work describes the peculiarities of a set of serial sentences in Portuguese while it also discusses some well-established criteria for serialization among languages.

KEYWORDS: serial sentences; Brazilian Portuguese; aspect.

Introdução

Neste trabalho, analisamos as chamadas construções do tipo *foi e fez*, primeiramente descritas exaustivamente por Rodrigues (2006).^{3/4}

Rodrigues usa, para sentenças como (1), abaixo, a nomenclatura de CFFs, convenção que seguiremos aqui, mesmo que, ao final do trabalho, enquadremos as CFFs como um tipo de sentença serial.

(1) Ela foi (e) chamou o rapaz.

A sentença em (1) exemplifica a maioria das características de uma CFF, quais sejam: uma combinação mínima de dois verbos, em que a posição de primeiro verbo (V1) da sequência pode ser preenchida pelos verbos *ir*, *pegar* ou *chegar* e a posição do segundo verbo (V2) apresenta relativa liberdade, podendo ser ocupada por vários verbos diferentes. Essas sentenças também podem ocorrer com ou sem a conjunção *e*. Optamos, ao longo deste trabalho, por manter a conjunção *e*, já que tudo indica, por julgamentos de aceitabilidade colhidos, que os falantes que aceitam as CFFs sem a conjunção, também aceitam a versão com a conjunção expressa, mas o inverso não é verdadeiro.

As sentenças em (2) e (3) exemplificam outros verbos na posição de V1, mais especificamente, *pegar* em (2) e *chegar* em (3).

³ Há outras descrições prévias publicadas, como partes de Bechara (1999), além de possivelmente outros que desconhecemos. Todavia, o trabalho de Rodrigues (2006) é um trabalho de fôlego sobre essas sentenças, motivo pelo qual partimos dele.

⁴ Sabemos que o termo construção usado por Rodrigues (2006) é um termo especializado dentro de uma abordagem teórica, a Gramática de Construções, que é, inclusive, a abordagem usada pela autora. Para evitar uma proliferação de terminologias para a mesma sentença e levando em conta que discutimos o trabalho da autora, escolhemos manter a mesma nomenclatura. Todavia, o uso do termo *construção* por nós aqui é neutro e equivalente a sentenças, tendo em vista que esse trabalho se desenvolve em outra perspectiva teórica, a da Gramática Gerativa.

(2) Eu peguei e saí correndo.

(3) Ela chegou e falou isso.

Fica claro, pelas sentenças em (1) a (3), que o verbo na posição de V1 nessas sentenças não corresponde aos verbos lexicais *ir*, *pegar* e *chegar*. A sentença em (1), por exemplo, pode ser usada em um contexto em que não haja nenhum movimento, mostrando que a função do V1 *ir*, em tal caso, não coincide com a indicação de uma trajetória. Pode-se dizer o mesmo para (2). O verbo *pegar*, nesse caso, não tem a ver com *agarrar* algo. Como Rodrigues (2006) observa, ainda, o verbo *pegar*, em CFFs, não possui um objeto, diferentemente de sua contraparte lexical. Isso fica também particularmente claro em (2), já que, como o V2 que acompanha *pegar* nessa sentença é intransitivo, não há possibilidade de nenhum objeto partilhado por V1 e V2 na sentença (nem mesmo como subentendido pelo contexto). Mesmo assim, a sentença permanece gramatical. Em (3), o verbo *chegar* não subcategoriza um argumento interno PP, diferentemente da sua contraparte lexical (e.g. *Ela chegou em casa*). Por consequência, a sentença em (3) é adequada para um contexto em que não haja movimento compatível com *chegar*, isto é, essa sentença é possível em um contexto em que a Maria passou a fazer parte de uma conversa sem que ela tenha se deslocado para isso.

As CFFs, então, usam itens léxicos já presentes na língua em uma nova acepção, além de apresentar um arranjo sintático inovador desses itens. Por essa razão, a descrição e a teorização sobre essas sentenças são importantes e ainda são poucos os trabalhos sobre elas no PB.

Como contribuição para a sua descrição e teorização, usaremos, neste trabalho, as sentenças em que o verbo *pegar* está na posição de V1, por ser esse o subtipo que estudamos mais a fundo.⁵ Embora, de uma forma geral, as características desse subtipo sejam facilmente estendidas para outros tipos, um estudo das particularidades de cada tipo de V1 deve ser feito em trabalhos futuros.

Nosso objetivo primário é classificatório: mostrar que as CFFs são sentenças seriais por meio de testes bem estabelecidos na literatura. Como objetivo secundário, também mostramos que as CFFs são sentenças seriais do tipo aspectual e que a posição do primeiro verbo das CFFs na árvore, diagnosticada a partir da sua posição em relação

⁵ Conferir a comunicação oral de Carvalho e Lopes (2023) para uma primeira apresentação dos nossos resultados que aqui estão desenvolvidos.

a outros verbos funcionais, comprova esse caráter aspectual. Esse texto, então, tem caráter eminentemente descritivo de um tipo sentencial, mas usa também algumas ferramentas da Linguística Gerativa para um delineamento das estruturas sintáticas de CFFs com o verbo *pegar*.

Rodrigues (2006) propõe, a partir de uma perspectiva da Gramática de Construções, um estudo das CFFs no PB, a fim de entender se elas são representativas de outros tipos sentenciais existentes nas línguas (como as sentenças seriais) ou se possuem características próprias, que merecem uma descrição isolada. Para a autora, as CFFs são um tipo sentencial com uma função pragmática característica, o que a distingue de outros tipos sentenciais similares, incluindo as seriais. Na perspectiva da autora, as CFFs teriam como função principal a dramatização de eventos. Apesar de a análise de Rodrigues representar um avanço no estudo de tais sentenças, acreditamos que as características sintáticas das CFFs, quando adequadamente exploradas, mostram que elas podem ser exemplarmente enquadradas como sentenças seriais. Isto é, CFFs não somente possuem características de sentenças seriais, mas possuem características exemplares desse tipo de sentença. A única característica não prototípica observada – possibilidade de marcas de coordenação – pode ser facilmente relativizada, como veremos na seção 3.

Além disso, Rodrigues assume que a gramaticalização do verbo na posição de V1 o leva a adquirir uma função pragmática, não gramatical. Nossa posição, como ficará claro na seção 4, é diferente: acreditamos que o V1 tenha uma função aspectual, sem que se excluam, obviamente, as funções pragmáticas que as CFFs – ou qualquer tipo sentencial - têm. Portanto, o objetivo do artigo é demonstrar que as CFFs são sentenças seriais e que o V1 nelas possui função aspectual, contribuindo, assim, com a descrição e a teorização sobre essas sentenças em PB.

1. A proposta de Rodrigues (2006)

Rodrigues considera que os verbos na posição de V1 das CFFs encontram-se em um processo de gramaticalização, sem que isso os tenha levado a assumir uma função gramatical prototípica, como tempo, aspecto ou modo (Rodrigues 2006: 9). Na perspectiva da autora, esses verbos assumem uma função pragmática, portanto a gramaticalização de *pegar* na posição de V1 das CFFs deu origem a uma função pragmática desse elemento.

De modo amplo, a gramaticalização é um fenômeno em que itens de classes abertas perdem seu significado lexical, suas características semânticas e sintáticas básicas, e assumem uma nova função gramatical na sentença. Podemos exemplificar o processo de gramaticalização em CFFs com uma comparação do comportamento do V1 nos dados em (4) e (5):

(4) Eu peguei a roupa no varal.

(5) Eu peguei e falei a verdade.

Em (4), temos o verbo *pegar*, em sua acepção lexical. Nessa acepção, esse verbo tem propriedades de s-seleção e c-seleção dos seus argumentos interno e externo, além de conteúdo semântico relacionado a ações no mundo. O conteúdo semântico de *pegar*, em (4), é facilmente perceptível a um falante nativo e pode ser parafraseado com verbos que indicam, também, contato físico da mão com um objeto, como *apalpar* e *agarrar*. Nessa acepção, o verbo seleciona um argumento interno do tipo DP, *a roupa*, em conformidade com suas propriedades de c- e s-seleção.

Em (5), *pegar* apresenta características divergentes de (4), o que indica que não estamos, nesse caso, lidando com a mesma acepção do verbo. Primeiramente, diferente do exemplo em (4), um falante nativo do português não parafrasearia o primeiro verbo de (5) como *apalpar* ou *agarrar*. Nesse caso, a dificuldade é justamente achar um verbo lexical que pudesse traduzir o significado de *pegar* aí. O verbo *pegar* em (5) não é um verbo lexical e sim funcional; isto é, ele veicula informações gramaticais (ou pragmáticas, na visão de Rodrigues) e essas noções não são, normalmente, parafraseáveis por um verbo lexical com significado próximo na língua. Esse esvaziamento lexical, característico da gramaticalização, está aliado à ausência de um argumento interno associado ao verbo *pegar* em (5). Explicando melhor, o verbo *pegar*, em (5), não subcategoriza um argumento interno do tipo DP, como em (4). Ou seja, o verbo *pegar*, em seu percurso de gramaticalização, demonstrado pelo contraste entre suas propriedades nas sentenças (4) e (5), não demanda um argumento interno do tipo DP. Na verdade, ele subcategoriza um VP, expresso por *falar a verdade* em (5). Essas características conduzem à confirmação de que os verbos na posição de V1 nas CFFs encontram-se em processo de gramaticalização, dada a perda e a mudança de suas propriedades básicas.

Porém, diferentemente da função gramatical usualmente assumida por itens em estágio de gramaticalização, Rodrigues afirma que essas sentenças assumem função pragmática. Nas palavras da autora:

Defendo que as CFFs têm uma função discursivo-pragmática de dramatizar ou enfatizar os eventos codificados em V2. Considero que esse efeito de dramatização ou ênfase se dá pelo acréscimo de mais material lingüístico, ou seja, o V1 (Rodrigues 2006: 98, notas de rodapé suprimidas).

Antes de chegar a essa hipótese, a autora passa por outras para explicar as características das CFFs. Ela chega, inclusive, a aventar a hipótese de que o V1 tenha um papel aspectual. Todavia, a autora descarta essa possibilidade porque, em todas as sentenças analisadas, já havia elementos aspectuais nas sentenças demarcados por outros elementos, de modo que o V1 só acentuava função aspectual, em vez de a veicular propriamente. Nas palavras da autora:

[...] minha hipótese é a de que as CFFs não contribuem para o quadro aspectual do PB. Para nenhuma das ocorrências do corpus foi possível aferir uma interpretação aspectual clara que decorra apenas do V1. [...] Não encontrei evidências da relação entre as interpretações semânticas e os tempos verbais das CFFs, uma vez que o que defendo aqui é que essas construções não possuem nenhuma função gramatical e nem um valor semântico específico. Admito que sua ocorrência está vinculada a alguns valores semânticos, como tomada de decisão, contrajunção e *grounding*, mas insisto que (a) esses valores não são válidos para todos os casos de CFFs e que (b) a presença das CFFs apenas os acentua, uma vez que esses valores já se encontram disponíveis nos contextos em que essas construções emergem (Rodrigues 2006: 87-89).

Há um segundo passo mais explícito na argumentação de Rodrigues (2006) contra o verbo na posição de V1 das CFFs veicular aspecto. Para a autora, se o pretensão valor de aspecto do V1 for veiculado por outro elemento da sentença, não há razão para assumirmos que o V1 também o veicule. Vejamos uma exemplificação dessa argumentação abaixo.

Veja, por exemplo, que, em (127) [exemplo de Rodrigues, mantivemos a numeração original/as autoras], há um contraste aspectual entre os enunciados “ele tava comendo”, no imperfectivo, e “ele foi me deu uma dentada”, no perfectivo. Contudo, esse contraste permaneceria se, ao invés do uso da CFF, “ele foi me deu uma dentada”, tivéssemos apenas “ele me deu uma dentada”. Desta forma, defendo que, por mais que as CFFs possam emergir em contextos de mudança aspectual, como em (127), sua função não é a de marcar aspecto (Rodrigues 2006: 90).

Atendo-nos à argumentação da autora, Rodrigues parece estar considerando que V1 só poderia veicular aspecto gramatical, expresso por auxiliares e morfologia verbal. Isso fica claro quando a autora fala sobre as sentenças estarem no imperfeito ou no perfectivo, que dependem do ponto de vista sentencial, noção aliada a aspecto gramatical. Como sabemos, o aspecto gramatical concebe um evento, em sua totalidade, como inacabado, no caso do imperfeito, ou acabado, no caso do perfectivo. No português do Brasil e em outras línguas românicas, o aspecto gramatical é expresso ou pela flexão verbal (cf. Wachowicz; Foltran 2006) ou pela combinação de auxiliares com a flexão verbal.

Todavia, a presença de aspecto gramatical em uma sentença não exclui que os itens lexicais tenham sua própria especificação aspectual, comumente chamada de aspecto lexical.⁶ Há também a possibilidade de V1 ter uma especificação lexical de aspecto, isto é, uma temporalidade inerente ao verbo, que, embora interaja com o aspecto sentencial, é uma categoria independente dele.

Isto é, para além do aspecto perfectivo, expresso por todo o evento em *ele pegou e me deu uma dentada*, o próprio V1 *pegar* teria uma informação lexical de aspecto que interagiria com o aspecto lexical de V2. Esse é, inclusive, um dos papéis que verbos aspectuais têm: exprimir uma temporalidade em relação ao evento que pedem como complemento.

Para exemplificação, consideremos um dado como (6), em que *chegar* é um auxiliar que enfoca o começo da ação, indicando, no caso de (6), que a leitura começou a ser feita, mas não foi finalizada.

(6) Ele chegou a ler o livro.

Embora o verbo *chegar* tenha morfologia de perfectivo, a contribuição aspectual de *chegar* não é de ação completada. Isso porque há uma interação entre a

⁶ Muitas vezes assume-se que o aspecto lexical seja uma propriedade do VP/vP e não dos itens lexicais, como a oposição entre sentenças como *João correu* e *João correu um quilômetro* mostram. A primeira sentença é classificada como uma atividade do ponto de vista de aspecto lexical, por ser dinâmica, mas sem ponto de culminação estabelecido. Já a segunda sentença é um accomplishment do ponto de vista de aspecto lexical, por ser dinâmica e ter um ponto de culminação estabelecido. Isto é, em *João correu um quilômetro*, o evento só culmina quando o João efetivamente chega à contagem de uma milha em sua corrida.

Essa diferenciação em termos de aspecto lexical como uma propriedade inerente ao item léxico ou do VP/vP não é crucial aqui, já que estamos argumentando que o V1 em CFFs possui propriedades aspectuais que influenciam a seleção do V2. Portanto, em nosso trabalho, a nomenclatura aspecto lexical se torna adequada, já que investigamos a contribuição de um item léxico particular.

especificação lexical desse verbo, que veicula ação iniciada, com o aspecto gramatical da ação, que é expressa pelo perfectivo. Como são informações de natureza diferente, a especificação lexical de *chegar* (de enfoque no começo da ação) não é anulada pelo aspecto perfectivo da sentença.

Afirmamos que uma situação parecida acontece nas CFFs em que *pegar* é o V1. O fato de a sentença ter uma especificação de aspecto gramatical perfectivo ou imperfectivo não anula a própria especificação do verbo *pegar*, que enfoca o começo da ação do V2. Isso ficará mais claro a partir dos testes que faremos na seção 4.

Recapitulamos que, no entendimento da autora, há um valor pragmático, e não aspectual, presente nas CFFs e ligado, especificamente, ao V1. Essa função pragmática diz respeito à função das CFFs de dramatizar e enfatizar eventos descritos na sentença. Sendo assim, alguns valores semânticos estariam associados aos verbos dessas construções, os quais contribuiriam somente para o relevo discursivo, isto é, para o destaque, de modo enfático ou dramático, à ação expressa pelo V2 da sentença.

Além de assumirmos que o V1 das CFFs veicula aspecto, questão que discutiremos na seção 4 deste artigo, este trabalho também se distancia do fenômeno das CFFs tratado por Rodrigues em mais um ponto. Adotamos também a ideia de que essas sentenças correspondem a sentenças seriais, tendo em vista a proximidade entre o comportamento sintático-semântico dos verbos nas CFFs e o fenômeno de serialização, processo no qual dois ou mais verbos encontram-se associados para exprimirem um único evento. Sendo assim, em (1), (2) e (3), V1 e V2 correspondem, juntos, a um único evento. Destaca-se que a expressão de um único evento por dois verbos, constituindo monocausalidade, é o único critério nocional para se estabelecer se uma sentença é serial ou não. Todos os testes que diferentes autores propõem, alguns dos quais discutidos na seção 2, são diferentes formas de testar a monocausalidade.

2. As principais características das sentenças seriais e as CFFs

Nesta seção, discutimos como as sentenças chamadas até agora de CFFs possuem características emblemáticas de sentenças seriais, ao mesmo tempo em que problematizamos um dos critérios para classificar uma sentença como serial, a saber, a presença de marcas de coordenação.

São vários os estudos sobre as sentenças seriais já publicados, desenvolvidos sob as mais diferentes perspectivas. Sendo esse tipo sentencial encontrado em abundância em línguas africanas e asiáticas, os estudos sobre suas características aumentaram à medida que estudos tipológicos e comparativos também aumentaram (cf. Ross, 2021, para uma história dos estudos de serialização). Todavia, a presença desse tipo sentencial em línguas com características tão diferentes faz com que a própria definição dessas sentenças seja um desafio. Ross (2021, cap.4) sumariza várias definições correntes, mostrando como elas se baseiam em princípios teóricos, para alguns autores, como Baker (1989). Para outros, como Aikhenvald (2018), as definições são feitas com base em protótipos, ou seja, nas ocorrências mais comuns de serialização nas línguas, o que não exclui que sentenças seriais em línguas não estudadas pela autora tenham características divergentes das apontadas.

Dada a gama de definições disponíveis, passaremos a comparar as características de CFFs com seriais, seguindo o trabalho de Aikhenvald (2018) e as observações sobre pseudocoordenação em Ross (2021). Essa escolha bibliográfica frente a uma literatura tão extensa sobre o assunto se justifica porque o trabalho de Aikhenvald (2018) é predominantemente descritivo, o que nos permite separar as observações teóricas de empíricas com facilidade. Além disso, esse é um trabalho de fôlego, o que nos permite não somente acompanhar detidamente os critérios que a autora usa, como observar exemplos de diferentes línguas, julgando em que medida eles refletem a conceituação da autora. A tese de Ross (2021) é um contraponto interessante por fazer, em seu capítulo 4, uma revisão crítica de muitos dos conceitos de sentenças seriais usados na literatura, focalizando, particularmente, o papel da pseudocoordenação.

Como dissemos na Introdução, as CFFs podem ter um elemento coordenativo, o que, para autores como Aikhenvald (2018), Muysken & Veenstra (1994, 2007) e Haspelmath (2016), entre outros, já descartaria, de antemão, essas sentenças como seriais. Como já notado por Rodrigues (2006), a conjunção *e* é, na verdade, uma pseudocoordenação nesses exemplos. Esse fator deve ser levado em conta ao categorizarmos as CFFs como seriais.

De acordo com Aikhenvald (2018: 3), há várias características ligadas às sentenças seriais, sendo algumas delas obrigatórias e outras não. Uma característica obrigatória é a estrutura monoclausal dessas sentenças. Basicamente, todos os critérios linguísticos discutidos em Aikhenvald (2018) decorrem da hipótese de

monoclausalidade de sentenças seriais.⁷ Passamos a discutir várias dessas características abaixo.

Primeiramente, as marcas de tempo, aspecto, evidencialidade, modalidade, modo, força ilocucionária e advérbios de modo, além de marcas de subordinação, não podem ser conflitantes. Isso significa dizer que, se as marcas existirem nos dois elementos, elas devem ser coincidentes ou, pelo menos, compatíveis. Isso é efetivamente o que vemos em CFFs. Em relação à marcação temporal, os dois verbos devem apresentar sufixos com os mesmos valores de tempo e aspecto, como mostra o exemplo em (7).

(7) O João pegou e comeu.

Essa sentença contrasta com a sentença em (8), que é agramatical como uma sentença serial, só podendo ser interpretada como se referindo a dois eventos distintos. Assim, (7) tem a leitura de que João fez uma única ação, que poderia ser parafraseada como ter tomado a iniciativa de comer. A sentença em (8) não pode ter a mesma parafrase: essa sentença só pode significar que João pegou algo e que vai comer esse algo. Portanto, a sentença em (8) é um período composto com um objeto nulo, contrastando com (7), em que *pegar*, por ser serial, não subcategoriza um objeto.

(8) *O João pegou e vai comer.

A monoclausalidade das CFFs também fica clara na sentença em (9), em que um verbo modal foi adicionado à sentença. Para que a sentença seja considerada serial, o verbo modal deve ter escopo sobre o conjunto de verbos *pegar* e *comer*. Isto é, há a possibilidade, na sentença em (9), de o João fazer as duas ações em conjunto: *pegar* e *comer*. Na sentença em (10), a leitura serial não é possível, já que há dois verbos modais diferentes. Tal como em (8), temos a leitura de que dois eventos separados estão sendo descritos em (10). Em outras palavras, a sentença em (10) não pode ser vista como serial.

⁷ Muitos dos testes reportados aqui são comuns na literatura sobre sentenças seriais, independentemente da filiação teórica do autor. Veja-se, por exemplo, Rodrigues (2023) que, usando literatura diferente sobre sentenças seriais, apresenta intuições parecidas ou idênticas às nossas sobre a estrutura de sentenças seriais no PB.

(9) O João pode pegar e comer.

(10) O João pode pegar e deve comer.

A adição de um auxiliar de futuro terá o mesmo efeito de um modal: o auxiliar indica que a ação descrita pelos dois verbos acontecerá no futuro. Não é possível, a partir de uma sentença como (11), entender que o auxiliar tem somente escopo sobre *pegar*. Se fosse esse o caso, a sentença restante, (*O João falar*), seria agramatical.

(11) O João vai pegar e falar.

O escopo de um advérbio de modo também exemplifica que os dois verbos em CFFs formam uma estrutura monoclausal. Consideremos, para exemplificação, o dado em (12).

(12) O João pegou e falou lentamente.

Do ponto de vista interpretativo, não é tão claro que o advérbio de modo modifique conjuntamente V1 e V2, *pegar e falar*, já que *pegar*, nesse caso, não está sendo usado lexicalmente. Todavia, alguns simples testes de deslocamento mostrarão que o advérbio tem escopo sobre os dois verbos.

Quando examinadas em conjunto, as sentenças (12), acima, e (13), abaixo, mostram que *lentamente* pode seguir ou anteceder o grupo de verbos *pegar e falar*. Colocar o verbo em uma posição em que ele possa ter escopo inequívoco somente sobre um dos verbos, como em (14) ou (15), gera sentenças agramaticais na leitura relevante.

(13) O João lentamente pegou e falou.

(14) *O João pegou lentamente e falou.

(15) *O João pegou e lentamente falou. (na leitura relevante)

Portanto, o fato de o verbo *pegar* não ser lexical nas sentenças em estudo não impede que um advérbio como *lentamente* tenha também escopo sobre ele. Essa é uma questão interessante, já que, do ponto de vista semântico, não se esperaria que *pegar*, enquanto verbo funcional, pudesse ser modificado por *lentamente*. Essa possibilidade

de modificação pode ser explicada se *pegar e falar* formam um predicado complexo, de forma que não é possível a modificação de somente um dos verbos por *lentamente*.

Outras propriedades sintáticas, como o escopo da negação, também exemplificam que os verbos em sentenças seriais formam só uma unidade sintática. Como já notado em Rodrigues (2006), a negação antecede o V2 em CFFs. Com base em dados similares a (16), Rodrigues observa que a interpretação negativa recai sobre o conjunto de verbos, já que, em (16), não há uma interpretação positiva para *pegar*. Um dado como (17) corrobora isso, já que é impossível que se interprete o V1 como afirmativo e o V2 como negativo, ilustrando, mais uma vez, que a negação tem escopo sobre o conjunto de verbos nas CFFs.

(16) O João pegou e não falou.

(17) *O João pegou, sim, e não falou.

Ainda na discussão sobre a negação, adicionamos a observação de que, em dados com negação metalinguística, a negação se antepõe ao V1. A negação metalinguística é um tipo de negação que nega a informação pressuposta (cf. Ducrot, 1972), e diferencia-se, assim, da negação em (16), que nega a verdade dos fatos. Dessa forma, a sentença grifada em (18) é adequada para um contexto em que o fato de o João ter pegado e falado algo seja uma surpresa. Pode ser o caso, por exemplo, de João ser muito tímido, como no contexto que inventamos em (18).⁸

(18) Todo mundo sabe que João tem muita dificuldade de falar em público. No último mês, no entanto, ele teve uma série de compromissos representando seu chefe, que estava muito doente e precisou tirar uma licença. Todo mundo achou que essas reuniões ficariam com pendências a serem resolvidas, por causa da timidez de João. Mas esse palpite foi um ledor engano! Como a Maria disse no último encontro de funcionários no bar, ninguém estava preparado para a proatividade do João nessas reuniões! Incrédula, Maria falou para Marta:

⁸ Embora não exploremos nesse trabalho a razão de o *não* metalinguístico ser anteposto ao conjunto de verbos, enquanto o *não* descritivo modifica somente o V2, há, muito provavelmente, uma diferença de posição sintática entre os dois. A exploração dessas posições sintáticas pode, inclusive, fomentar a proposição de uma estrutura sintática detalhada para as sentenças seriais do português brasileiro, objetivo que temos para trabalhos futuros.

Marta, você tinha que ter visto! **O João não pegou e falou todo o problema do orçamento?!**

Outros testes corroboram que CFFs têm uma estrutura monoclausal tal como sentenças seriais. Os dois verbos das CFFs devem ser usados em conjunto para responder a uma pergunta, como em (19). Uma resposta como (20), em que um dos verbos é usado separadamente, não é possível porque quebra a sequência de verbos das CFFs que, juntos, formam um único evento.

(19) O que você vai fazer nessa situação?

Pegar e sair.

(20) O que você vai fazer nessa situação?

*Pegar/*Sair

Testes de clivagem também mostram que os dois verbos em CFFs estão unidos. Em (21) e (22), os dois verbos foram clivados conjuntamente.

(21) O que ela fez foi [pegar e sair].

(22) Foi [pegar e sair] que ela fez.

A clivagem de só um dos verbos, embora possível se estivermos descrevendo dois eventos separados, não é equivalente às sentenças em (21) e (22), como a agramaticalidade de (23) e (24) mostra.

(23) *O que ela fez foi pegar.

(24) *O que ela fez foi sair.

Ainda é digno de nota que, ao contrário de uma coordenação, a ordem entre os dois verbos - chamados aqui de V1 e V2 - é fixa. Na resposta à pergunta, em (19), e nas clivagens, em (21) e (22), a ordem entre os verbos não poderia ser diferente se quisermos manter a interpretação de um só evento. É isso o que as sentenças em (25) e (26), adaptações de (19) e (21) acima, mostram.

(25) O que você vai fazer nessa situação?

*Sair e pegar.

(26) *O que ela fez foi sair e pegar.

Para além das restrições acima, que exemplificam características de monocausalidade nas CFFs, Aikhenvald (2018) também chama a atenção para a produtividade das sentenças em diferentes contextos sintáticos como um critério para a serialização. A autora observa que sentenças seriais devem aparecer em vários contextos sintáticos para se descartar a possibilidade de estarmos trabalhando com uma expressão idiomática, um verbo composto ou algum elemento fraseológico da língua, que só funcionaria em um contexto gramatical específico. A autora cita o fato de o inglês ter expressões como *come and get* que são majoritariamente usadas em contextos imperativos.

Como vemos nos exemplos de (27) a (30), as CFFs se comportam como seriais em não serem limitadas a um contexto gramatical específico. Em suma, esses exemplos mostram que elas podem ocorrer com morfemas gramaticais variados da língua. Em (27), ocorrem com o morfema que acumula as informações de tempo presente e modo indicativo. Em (28), a CFF ocorre no futuro perifrástico, i.e. com o verbo auxiliar no futuro e os dois verbos que indicam só um evento no infinitivo. Em (29), a CFF ocorre com morfemas verbais, nos dois verbos, indicando subjuntivo. Finalmente em (30), a CFF ocorre com o gerúndio, uma forma nominal do verbo.

(27) O João pega e fala.

(28) O João vai pegar e falar.

(29) Que o João pegue e fale a verdade.

(30) O João pegando e falando a verdade, vamos ficar livres do problema.

Continuando na exploração de características de sentenças seriais, outra característica comum é que haja compartilhamento de argumentos. O argumento compartilhado é geralmente o sujeito, na maioria das línguas, tanto nos casos de transitivos quanto de inacusativos, mas pode haver compartilhamento de argumentos internos e até de oblíquos em algumas línguas (cf. Aikhenvald 2018).

Os exemplos em (31) e (32) foram retirados de Aikhenvald (2018: 40).⁹ Em (31), vemos, a partir da tradução, que o argumento *Koku* é partilhado entre os dois verbos da sentença serial, já que ele é um argumento externo tanto do VP *levar o frango* quanto de *ir ao mercado*.

(31) Kókú sɔ kòklô yí àxì m'ɛ
 Koku pegar frango ir mercado em
 'Koku trouxe o frango para o mercado.' (lit. Koku trouxe frango foi ao mercado)

É o que também acontece no exemplo em (32), embora haja uma diferença formal nesse exemplo em relação ao anterior. Em (32), há uma duplicação do sujeito por meio de um pronome: o pronome *zot* aparece duas vezes. Aikhenvald (2018) assevera que, como a interpretação das duas instâncias de *zot* é a mesma, há, aí, também um compartilhamento do sujeito, tal como em (31), ainda que com o uso de outro expediente morfossintático.¹⁰

(32) zot ti pran balye koko zot ti bat Kazer
 3pl tempo pegar vassoura coco 3pl tempo bater Kaiser
 'Eles bateram no Kaiser com uma vassoura de coco.'
 (lit. eles pegaram vassoura coco bateram Kaiser)

No caso de CFFs, também assumimos que há compartilhamento do sujeito pelo V1 e V2. Isso é perceptível pelas restrições de seleção que o verbo *pegar* impõe à sentença como um todo. Em uma CFF como (33), o pronome *ela* só pode se referir a um elemento humano (ou, talvez, a um elemento animado).

(33) Ela pegou e parou.

⁹ Esses exemplos, por sua vez, foram retirados de outras fontes pela autora. Referenciamos, aqui, as páginas em que estes exemplos estão e o leitor interessado pode, a partir da discussão nessa página, acessar as referências do material original em que eles se encontram. Glosas e traduções desses exemplos são nossas, com base nas glosas e traduções dos exemplos originais.

¹⁰ Observamos, todavia, que, sem uma discussão maior, uma sentença como (32) pode testemunhar contra a hipótese de monoclausalidade em sentenças seriais, já que, em uma sentença, não pode haver mais de um sujeito.

Dessa forma, a sentença em (33) teria como uma paráfrase possível *A Maria parou de fazer alguma coisa, mas não uma geladeira parou (de funcionar)*. Notemos que essa é uma restrição imposta pelo verbo *pegar*, no seu uso serial, e que foi herdada de sua acepção lexical, já que somente seres animados possuem mãos e garras com as quais podem pegar algo.

Fica ainda mais claro que essa restrição em (33) vem do verbo *pegar* quando consideramos que o verbo na posição de V2, *parar*, pode ter como sujeito tanto argumentos animados quanto inanimados, como a gramaticalidade das sentenças *A Maria parou de fazer alguma coisa* e *uma geladeira parou (de funcionar)* demonstram.

Além das paráfrases possíveis de (33) mostrarem a influência de *pegar* na escolha do sujeito das CFFs, isso também exemplifica outra característica de sentenças seriais notada por Aikhenvald (2018): um verbo serial mantém algumas características do seu uso pleno lexical.¹¹ Mesmo que *pegar* tenha sido dessemantizado e decategorizado (cf. Rodrigues, 2006), algumas características de s-seleção desse verbo se mantêm, não sendo possível, portanto, afirmar que ele se comporte como outros tipos de auxiliares (por exemplo, os temporais) que não têm nenhuma influência na escolha dos argumentos.

Enquanto as CFFs se comportam como seriais em todos os testes acima, elas não se comportam como seriais em relação à ausência de marcas de coordenação. Aikhenvald (2018: 3) aponta, como uma das características definidoras de sentenças seriais a ausência de marcas de subordinação ou coordenação. Nas palavras da autora:

Não há nenhuma marca de dependência - como coordenação, subordinação ou dependência de qualquer tipo - entre os verbos de uma construção serial. É importante distinguir uma construção serial e outras construções que possuem mais de um verbo e que podem ter traços similares, mas não idênticos. Há, tipicamente, uma gama de propriedades gramaticais e discursivas que distinguem sentenças seriais de sentenças consecutivas, subordinadas, de propósito e outros tipos de sequências verbais.¹²

¹¹ Sobre isso, Aikhenvald (2018: 3) fala: “A verb may have a different meaning when used alone and when used in an SVC [=Serial verb construction/ as autoras], but the meanings should be relatable. The verb has to be able to stand alone.”

Nossa tradução: “um verbo pode ter um significado diferente quando usado sozinho e quando usado em uma sentença serial, mas os significados devem ser relacionados. O verbo tem que poder ficar sozinho.”

¹² No original:

There is no mark of dependency — such as coordination, subordination, or dependency of any sort—between the verbs within a serial verb construction. It is important to carefully distinguish between serial verb constructions and other constructions consisting of more than one verb which may have similar (but never identical) features. There is typically a complex of grammatical and

Aikhenvald (2018:125) cita, inclusive, sentenças como *pegou e falou* no PB, que podem aparecer sem a coordenação: *pegou falou*. Para a autora, a possibilidade de marca de coordenação, então, inviabiliza que essas sentenças sejam tratadas como seriais, já que sentenças coordenadas não são monoclausais.

Todavia, acreditamos que esse seja o critério menos justificado utilizado pela autora. Como os testes anteriores mostraram para as CFFs, a conjunção *e* não está de fato conectando sentenças diferentes: os dois verbos são responsáveis pela seleção de argumentos, eles não podem ser usados separadamente e um advérbio tem escopo sobre os dois. Todos os testes anteriores mostram, então, que essa é uma estrutura monoclausal. Frente a esses outros testes, a presença da conjunção *e* não pode, sozinha, ser considerada como indício de biclausalidade.

Um teste adicional para a biclausalidade está em Rodrigues (2006, p.15). Baseada em Stefanowitch (2000), Rodrigues (2006: 15) mostra que “nenhum elemento que indique uma sequencialidade de eventos, como *then*, ou simultaneidade, como *at the same time*, pode ser adicionado à construção sem alteração substancial de significado.” Dessa forma, se adicionarmos uma expressão que indica simultaneidade em (33), resultando em (34), a sentença não pode mais ser considerada serial. Isto é, se compararmos (33), repetida abaixo, com (34), vemos que (33) mantém a leitura relevante, qual seja, de somente um evento em que os dois verbos – *pegar* e *parar* – fazem parte da mesma proposição. O mesmo não pode se dizer sobre (34), em que os dois verbos fazem parte de proposições diferentes. Desse modo, *pegar* só pode ser interpretado como um verbo lexical em (34). Como já vimos, na interpretação de verbo lexical, *pegar* c-seleciona um objeto. Na sentença em (34), então, há um objeto nulo selecionado pelo verbo *pegar*. Isso contrasta, mais uma vez com (33), em que o verbo *pegar* não tem objeto na leitura relevante.

(33) Ela pegou e parou.

(34) Ela pegou ao mesmo tempo que parou.

discourse properties which distinguish serial verb constructions from consecutive, subordinate, purposive, and other kinds of verb sequences (Aikhenvald 2018:3).

Como Ross (2021:2) define, o fenômeno da pseudocoordenação se caracteriza pela presença de uma conjunção coordenativa em uma sentença, embora haja sintaticamente uma subordinação. Para Ross (2021), como muitos dos critérios para sentenças seriais já estão estabelecidos, embora sejam contraditórios, pode-se simplesmente assumir que sentenças seriais sejam uma instância de predicados multiverbais (*multiple verbal predicates* na nomenclatura original do autor), que são predicados com mais de um verbo. As sentenças seriais seriam um subtipo desses predicados multiverbais que teriam sua especificidade por não apresentar partículas que conectam elementos. Embora pudéssemos aqui assumir o mesmo que Ross, acreditamos que mudar o nome dessas sentenças para predicados multiverbais seria só uma questão de terminologia, que pouco iluminaria um estudo de suas propriedades. A discussão anterior mostra satisfatoriamente que as CFFs comportam-se como seriais, possuindo, inclusive, várias das propriedades emblemáticas dessas sentenças. A presença da conjunção sindética não é evidência suficiente para se descartar que as CFFs sejam seriais. Antes de tomar a presença dessas conjunções como um critério, deve-se examiná-la de acordo com as suas propriedades formais e funcionais. Nesse exame, fica muito claro que a conjunção *e* funciona como uma pseudocoordenação nos exemplos, o que é mais um motivo para não tomar a presença da conjunção como fator decisivo para assumir se uma sentença é ou não serial.

3. Tipos de serialização e as CFFs

Grande parte da profusão de definições e critérios para sentenças seriais vêm do fato de que há mais de um tipo de sentenças seriais nas línguas do mundo. Ao notar isso, Muysken e Veenstra (2007) propõem subclassificações de sentenças seriais. Basicamente, elas se dividem entre aquelas em que há serialização do VP (no original, *VP-serializing*) e serialização do IP (no original, *IP-serializing*). De acordo com os autores, no primeiro tipo, há reestruturação temática e menos verbos licenciados. No segundo tipo, há mais independência entre os eventos verbais, além de seleção lexical livre.

Os exemplos em (35) e (36) da língua saramacana representam, respectivamente, os dois tipos (Muysken; Veenstra 2007: 10-15):

(35) A kúle gó.

3SG correu foi

Ele fugiu.

(36) A súti hen fulá pása gó náki dí sitón

3SG atirar 3SG perfurar passar ir bater DET parede

hén mi téi hen.

e então 1SG pegar 3SG

Ele atirou nele e a bala o atravessou e acertou a parede e então eu peguei.

O exemplo em (35) ilustra um tipo de serialização de VP, em que o verbo *gó* combina-se somente com alguns outros tipos de verbo, como o verbo de movimento (*kúle*). Como os dois verbos representam somente um evento e há seleção lexical de um verbo por outro, esse é um exemplo de uma serialização de VP, na terminologia dos autores. Em (36), há um exemplo de serialização de IP, em que há vários subeventos mais ou menos independentes entre si formando somente uma oração. Tanto em (35) quanto em (36) a estrutura é monoclausal, mas, enquanto o verbo *gó* faz uma seleção específica em (35), os verbos em (36) não selecionam uns aos outros, e a relação que estabelecem parece ser de contiguidade.¹³

De acordo com Muysken e Veenstra (2007), a serialização de IP ou de VP é baseada em dois fatores: relação de (in)dependência entre os eventos e seleção lexical. O caráter da relação entre os subeventos diz respeito às relações de significado que eles estabelecem: se, semanticamente, há uma relação indissociável entre o significado de V1 e o significado de V2 na composição do evento maior, que se dá a partir da associação entre os dois verbos, diz-se que há uma menor independência entre os subeventos. Ou seja, a menor independência ocorre quando o V1 de uma sentença serial demanda um VP ou um V2 como complemento, tal como vimos nas CFFs. Por outro lado, se há uma relação mais vaga a ser estabelecida entre os subeventos, diz-se que há uma maior independência entre os subeventos, uma vez que um verbo não demanda outro, mas eles podem coexistir gerando uma leitura de consecutividade em uma mesma sentença, como em (36).

¹³ Os autores admitem ainda uma gradação entre as serializações de VP, que podem se constituir em Tipo 1 e Tipo 2 e as serializações de IP, que podem se constituir em Tipo 3 e Tipo 4. Essa distinção mais fina se relaciona a quão dependentes ou não são os subeventos. Não trataremos dessa distinção no corpo do texto, porque ela não é imediatamente relevante para o assunto tratado.

Em relação ao segundo fator, a seleção lexical, há uma correspondência em relação ao grau de especificação dos verbos nas posições de V1 e V2, além das possíveis combinações entre eles, em sentenças seriais. Se há um alto grau de especificação, isso significa que apenas alguns verbos são aptos a preencher as posições de V1 e/ou de V2, como nas serializações de VP. Em contrapartida, se há um baixo grau de especificação dos verbos, há maior liberdade para preenchimento de V1 e de V2, e, por isso, diz-se que nesse caso essas construções são lexicalmente livres, como nas serializações de IP. O que é particularmente interessante nessa classificação dos autores é que ela permite identificar que a serialização de VP possui funções gramaticais específicas performadas pelo verbo na posição de V1, as quais estão sumarizadas no quadro abaixo.

Função	Verbo	Significado
Direcional	go (ir)	Direção para fora
	come (vir)	Em direção a
	surround (cercar)	Em torno
	be (ser)	Locativo
Introdutor de argumento	give (dar)	benefactivo, dativo
	take (pegar)	instrumental, comitativo, objeto
	say (dizer)	complementizador finito
Aspectual	finish (acabar)	perfectivo
	return (voltar, retornar)	iterativo
	be (ser)	continuativo
Grau	pass (passar)	comparativo, muito
	suffice (ser suficiente)	suficiente

Tabela 1: Funções gramaticais assumidas pela serialização do VP, adaptado de Muysken e Veenstra (2007: 9).

De forma geral, o Quadro 1 mostra que, nas serializações de VP, um dos verbos assume uma função gramatical. Os verbos da coluna *verbo* constituem uma exemplificação não exaustiva dos verbos que geralmente tomam a posição de elemento gramatical nas línguas.

Como mostraremos abaixo, as CFFs se comportam como serializações de VP. Defendemos que, entre as funções do V1 nessas serializações, ele assume uma função aspectual e seleciona uma gama de verbos que podem ocupar a posição de V2 com base em um critério aspectual.

O primeiro passo para exemplificação de que as CFFs são serializações de VP é ressaltar algo já mencionado anteriormente. Há um ordenamento entre o V1 e o V2 de tal forma que o V1 antecede o V2 obrigatoriamente. Isso é exemplificado nos dados em (37).

- (37) a. Eu peguei e fui embora. / *Eu fui embora e peguei.
b. Ela pegou e sumiu. / *Ele sumiu e pegou.
c. Ele pegou e correu. / *Ele correu e pegou.

O fato de haver limitações para os verbos que podem ocupar a posição inicial é uma forte evidência de que há restrição subjacente à posição de V1, compatível com uma serialização de VP, que, como dissemos, especifica as classes de V1 e V2 que podem ocorrer em cada posição. Na serialização de IP, como vimos, há uma relação de contiguidade ou sequência entre os eventos, mas não há restrições lexicais de combinação, já que não há uma relação de subordinação entre os eventos.

Em relação ainda à restrição lexical, podemos observar que a presença de V1 restringe os possíveis V2s que o seguem. Há uma grande gama de verbos que podem seguir o V1, mas verbos estativos, como os exemplificados em (38), e inacusativos, como os exemplificados em (39), não são possíveis.

- (38) a. *A Maria pegou e amou o rapaz.
b. *A Maria pegou e soube a resposta.
c. *A Maria pegou e percebeu o cheiro.
d. *A Maria pegou e conheceu o teorema.
e. *A Maria pegou e teve uma gripe.
f. *A Maria pegou e viu o cheque.
g. *A Maria pegou e existiu.
h. *A Maria pegou e andou triste.

- (39) a. *O mamão pegou e amadureceu.
b. *O mamão pegou e apodreceu.

- c. *O bebê pegou e nasceu.
- d. *O bebê pegou e cresceu.
- e. *O bebê pegou e morreu.
- f. *O bebê pegou e caiu.

Além de nos mostrar que há uma reestruturação temática por conta da presença do V1 nas sentenças, os conjuntos de dados em (38) e (39) também exemplificam que o V1 tem um papel preponderante nessa restrição, conservando, como dito anteriormente, suas propriedades de seleção de um argumento externo agentivo.

Fica esclarecido, então, por que as sentenças em (38) e (39) são agramaticais. Em (38), o argumento externo não é agentivo e, em (39), não há argumento externo. Os dados mostram novamente que a serialização das CFFs é uma serialização de VP: os verbos sofrem uma reestruturação temática e as restrições de combinação entre V1 e V2 surgem por conta das propriedades temáticas de V1, que são conservadas de sua acepção lexical.

4. Uma primeira aproximação da estrutura sintática da serialização aspectual do PB

Assumimos, nas seções passadas, que as CFFs são sentenças seriais. Demonstramos que várias características prototípicas de sentenças seriais são encontradas nas CFFs e a única não prototípica é uma pseudocoordenação, uma marca que aparece em sentenças subordinadas, não coordenadas.

Isso estabelecido, o próximo passo é entender a função das sentenças seriais analisadas dentro do sistema da língua. Isto é, muitas vezes as sentenças seriais cumprem funções gramaticais nas línguas. Qual seria a função das CFFs no PB? Argumentamos que o V1 *pegar* dessas sentenças introduz uma relação aspectual, focalizando o início da ação. Passamos, abaixo, às evidências para essa classificação da função das CFFs.

Primeiramente, alguns testes mostram que o V1 das CFFs encontra-se, ao final da derivação sintática, entre o TP e o VP, como os testes posicionais de (40) a (42) mostram.

(40) O João vai pegar e falar.

(41) *O João começou a pegar e falar.

(42) *O João acabou de pegar e falar.

A sentença em (40) mostra que *pegar* está em uma posição abaixo do auxiliar temporal, portanto esse verbo não sobe até TP. Por outro lado, (41) e (42) mostram que esse verbo tem alguma incompatibilidade com auxiliares aspectuais, como *começar* e *acabar*. Essa incompatibilidade, assumimos, é fruto da posição em que V1 está em (41) e (42). Basta que ele esteja acima desses auxiliares, como em (43) e (44), para que a sentença seja gramatical.

(43) O João pegou e começou a falar.

(44) O João pegou e acabou de falar.

Curiosamente, em relação ao auxiliar aspectual *ficar*, no seu sentido iterativo, o V1 *pegar* pode ser mais baixo, como vemos em (45a) ou mais alto, como em (45b).

(45) a. O João ficou pegando e falando (por 10 minutos).

b. O João pegou e ficou falando.

Cabe ressaltar que o verbo *ficar*, como auxiliar, pode ter duas leituras: uma iterativa (*O João ficou ligando para a Maria o dia inteiro*), em que várias ações de *ligar*, no caso, ocorrem, e uma continuativa (*o João ficou conversando até tarde*), em que a conversa se prolongou. Somente a leitura iterativa está disponível na presença do verbo *pegar* como serial. A leitura continuativa - também compatível com o verbo *ficar* - não está disponível nesse caso. Ou seja, as sentenças em (45) não podem ser entendidas como uma ação única contínua; a única leitura possível é de que a ação de *pegar e falar*, em (45a), e a de *ficar falando*, em (45b), se repitam continuamente.

O fato de que somente a leitura iterativa esteja disponível para *ficar*, na presença do V1 *pegar*, nos mostra que o VP que ele seleciona deve indicar o começo da ação, mesmo que esse VP, por conta da especificação lexical dos verbos, como o verbo *ficar* no caso, tenha outras leituras disponíveis.

Portanto, até aqui, sabemos que o V1 se encontra em uma posição mais alta do que os auxiliares aspectuais *acabar* e *começar* e mais baixa do que o auxiliar temporal.

Ainda, como vimos em (45), *pegar* é neutro em relação ao auxiliar *ficar*, que pode segui-lo ou antecede-lo. De forma geral, o V1 em CFFs comporta-se de acordo com o esquema em (46).

(46) Posição sintática do V1 *pegar* em relação a outros verbos funcionais (versão preliminar)

auxiliar temporal > auxiliar aspectual *ficar* > *pegar* > auxiliar aspectual *acabar/começar/ficar* > verbo lexical

Um exame mais detido desses dados nos mostra que o verbo *pegar* não seleciona o começo da ação somente do auxiliar *ficar*, mas de qualquer auxiliar com que se junte. Assim, o verbo aspectual *acabar* não indica literalmente o final de uma ação em (44). Uma sentença como (44) é pertinente em um contexto como (47), em que o João, embora tenha acabado de enumerar os problemas, somente toma o turno após a enumeração ter sido iniciada pelo seu irmão.

(47) João estava hesitando muito para falar para a mãe sobre todos os seus problemas de saúde. Seu irmão Pedro, então, resolveu ajudar na tarefa e iniciou a conversa com a mãe, mencionando a diabetes e as pedras do rim do João. Isso deu coragem para o João, que pegou e acabou de enumerar os problemas, mencionando também a catarata e a cirrose.

Nesse sentido, o contexto em (48) se torna anômalo porque João já estava enumerando seus problemas antes e é incoerente sinalizar uma tomada de iniciativa no meio de uma exposição que ele já fazia, sem que tenha havido qualquer perturbação ou interrupção.

(48) # João estava hesitando muito para falar para a mãe sobre todos os seus problemas de saúde. Pouco a pouco foi falando seus problemas para a mãe, mencionando a diabetes e as pedras do rim. Daí ele pegou e acabou de enumerar os problemas, mencionando também a catarata e a cirrose.

O contraste entre (47) e (48) mostra que *pegar* selecionará eventos no seu início, mesmo que o uso de um elemento lexical pareça indicar o contrário, à primeira

vista. Essa situação é semelhante ao que vimos com o verbo *ficar*, que somente tem a leitura iterativa na presença de *pegar*.

Outra indicação de que *pegar* somente seleciona eventos em seu início é a incompatibilidade das CFFs com morfemas aspectuais que indiquem continuidade ou completude da ação, como demonstrado nos exemplos de (49) a (50).

(49) *A Maria está pegando e falando a verdade nesse momento.

(50) *A Maria tem pegado e falado a verdade ultimamente.

Em suma, se o V1 *pegar* não tivesse informação aspectual, esperaríamos que ele se combinasse livremente com qualquer verbo aspectual, o que, vimos, não é o caso. Além disso, embora não saibamos sua posição exata na árvore, ao final da derivação esse verbo está em uma posição entre TP e VP.

As projeções que se encontram nessa parte da árvore abrigam informações de aspecto e modo. Tomando como base Cinque (1999:106) como uma postulação das ordens de verbos aspectuais e modais, teríamos a seguinte ordem:

(51) A hierarquia universal das projeções funcionais

[frankly Mood_{speech act} [fortunately Mood_{evaluative} [allegedly Mood_{evidential}
 [probably Mod_{epistemic} [once T(Past) [then T(Future) [perhaps Mood_{irrealis}
 [necessarily Mod_{necessity} [possibly Mod_{possibility} [usually Asp_{habitual}
 [again Asp_{repetitive(I)} [often Asp_{frequentative(I)} [intentionally Mod_{volitional}
 [quickly Asp_{celerative(I)} [already T(Anterior) [no longer Asp_{terminative} [still Asp_{continuative}
 [always Asp_{perfect(?)} [just Asp_{retrospective} [soon Asp_{proximative}
 [briefly Asp_{durative} [characteristically(?) Asp_{generic/progressive} [almost Asp_{prospective}
 [completely Asp_{SgCompletive(I)} [tutto Asp_{PlCompletive} [well Voice [fast/early Asp_{celerative(II)}
 [again Asp_{repetitive(II)} [often Asp_{frequentative(II)} [completely Asp_{SgCompletive(II)}

A partir da ordem em (51), podemos postular, em uma primeira aproximação, que *pegar* estaria em uma das primeiras projeções no domínio aspectual. Isso porque esse verbo pode ter como complemento elementos que estariam nas projeções de aspecto habitual, por exemplo, como vemos em (52), mas não pode ter como

complemento um modal de possibilidade epistêmica, como a agramaticalidade de (53) mostra.

(52) O João pega e leva o carro geralmente para o mecânico.

(53) *O João pega e pode levar o carro.

(significando: O João pega e é possível que ele leve o carro).

A partir, então, da estrutura de Cinque (1999), argumentamos que *poder* serial, ao final da derivação sintática, está acima do aspecto habitual, uma vez que pode tomar elementos que estejam nessa posição como complementos, e abaixo da modal de possibilidade, de acordo com a representação em (54), que é uma adaptação de parte da estrutura de Cinque (1999), citada acima:

(54) Posição sintática do V1 *pegar* em relação à hierarquia funcional de Cinque:

[possibly Mod_{possibility} [*pegar serial* [usually Asp_{habitual}...

A representação em (54) nos mostra que esse verbo realiza uma das primeiras projeções aspectuais, demarcando uma clara fronteira entre as projeções modais epistêmicas (mais altas na árvore) e as projeções aspectuais e modais mais baixas.

Outros fatos, além dos discutidos até agora, podem reforçar o caráter aspectual de *pegar*, endossando a pertinência da posição sintática aventada. Mais uma indicação de que há informação aspectual no V1 são as restrições de seleção do V2. Apesar de haver uma grande gama de verbos aceitos na posição V2, há algumas restrições quanto ao tipo de verbo a ser selecionado. Consideremos (55) para exemplificação.

(55) *A Maria pegou e amou o rapaz.

Como dito anteriormente, o V2 não pode ser um verbo estativo. Além da explicação que demos anteriormente, relativa à reestruturação temática dos dois verbos, a agramaticalidade de (55) também pode ser explicada pela incompatibilidade aspectual. Como vimos, o V1 *pegar* das CFFs recai sobre o início de uma ação expressa por V2, e, conseqüentemente, verbos estativos, por não demarcarem o início da ação, são incompatíveis com as CFFs. Assim, os dados discutidos em (38) podem exemplificar tanto a reestruturação temática dos dois verbos em CFFs, que, juntos,

selecionam um argumento externo, quanto a necessidade de uma compatibilidade aspectual entre V1 e V2. Dessa forma, a agramaticalidade de (55) decorre, também, da incompatibilidade aspectual do verbo estativo com o V1.

Outra indicação do carácter aspectual do V1 *pegar* é a sua interação com modificadores aspectuais. Consideremos a distribuição do modificador *quase*. A sentença em (56) exemplifica como esse modificador interage com um verbo do tipo *accomplishment*. Verbos desse tipo aspectual expressam tanto um processo quanto um resultado e, por isso, são ambíguos com um modificador como *quase*.

(56) A Maria quase costurou a roupa.

Em (56), a modificação pode recair tanto sobre o início da ação de *costurar*, gerando o entendimento de que a Maria quase começou a costurar a roupa, quanto sobre o final da ação, gerando o entendimento de que Maria quase terminou a costura da roupa.

Com isso em mente, vejamos como o mesmo verbo *costurar*, em uma CFF, interage com o modificador *quase* em (57):

(57) A Maria quase pegou e costurou a roupa.

Quando usamos o verbo *costurar* em uma CFF, somente uma das leituras aspectuais é mantida: a de início da ação. Em outras palavras, não é possível o entendimento de que Maria quase terminou a costura da roupa.

O confronto dos exemplos em (56) e (57) mostra, então, que a leitura aspectual de *pegar* se sobressai sobre as possibilidades de leitura de *costurar*, sugerindo, mais uma vez, que o V1 tem um impacto aspectual em toda a CFF. Em nossa hipótese, o valor aspectual inerente às CFFs, em que V1 recai sobre o início da ação expressa pelo V2, força uma leitura aspectual específica para o modificador *quase*, no sentido de que a única interpretação possível para o modificador *quase*, na presença do V1 *pegar*, é a de modificador do início do processo, ou seja uma modificação da própria especificação lexical do verbo *pegar*, mesmo que haja um verbo de *accomplishment* na posição de V2, ou seja, um verbo que delimita um resultado que poderia ser modificado por *quase*.

Sumarizamos, então, os argumentos a favor de o V1 das CFFs assumir valor aspectual nas sentenças. Três argumentos principais se mostram a favor dessa abordagem:

- a) posição na estrutura arbórea, abaixo do TP e acima do VP, em uma posição compatível com marcas de aspecto;
- b) incompatibilidade entre a coexistência do V1 com verbos e morfemas aspectuais de continuidade da ação;
- c) incompatibilidade com verbos estativos;
- d) interação específica com modificadores aspectuais, como o *quase*.

Sendo esse o caso, a questão que fica para ser respondida é: qual é exatamente a informação aspectual do V1? Vimos, acima, que ele enfoca o começo do evento, então, em termos de aspecto veiculado por auxiliares, poderíamos pensar que *pegar* é uma marca de inceptivo.

Cabe ressaltar que o comportamento do V1 *pegar* é bastante similar ao comportamento de verbos de fase (*phasal verbs*), uma nomenclatura, inclusive, usada para verbos seriais. Bertinetto (2023) argumenta a favor da nomenclatura de verbos de fase para verbos de perífrases que indicam início, meio ou final de evento. De acordo com o autor, os verbos de fase exprimem invariavelmente a mesma informação sobre os pontos iniciais, mediais ou finais do evento, mesmo que eles apareçam com morfemas de aspecto diferentes. Isso é exemplificado em (58), com uma sentença extraída de Bertinetto (2023:212) e traduzida por nós.

(58) In quel momento, la pioggia cominciava / ha cominciato a calare.

‘Naquele momento, a chuva começava/tinha começado a cair.’

Em (58), independentemente da forma utilizada - se pretérito imperfeito ou uma perífrase de pretérito perfeito - a sentença indica o começo da ação. As diferenças de interpretação entre a forma com pretérito perfeito e a forma com a perífrase de pretérito imperfeito, embora inegáveis, são uma camada a mais de significado. Mais particularmente, elas são uma informação de aspecto gramatical que, como vimos, não anulam a informação lexical sobre aspecto que os verbos da sentença contêm.

Em suma, o argumento do autor é que existem verbos usados em perífrases que são especializados para focalizar pontos do evento. Esses pontos se assemelham às noções de aspecto, mas, ainda assim, são diferentes, visto que o aspecto lexical é uma propriedade do vP e interage com os elementos que estão no vP. Assim, a adição de um complemento pode modificar o aspecto lexical de um verbo: *correr* é um verbo de atividade; mas quando esse verbo está em um vP como *correr uma maratona* é um accomplishment. Os verbos de fase, por outro lado, indicam invariavelmente a mesma fase, como vimos. Parece-nos, então, que o verbo *pegar* pode ser classificado como um verbo de fase iminencial, na nomenclatura de Bertinetto (2023). Nessa classificação, ele expressaria uma informação compatível com expressões do inglês como *be about to V*, *be on the verge of V-ing*. Sendo esse o caso, fica claro porque *pegar* se combina com o auxiliar *ficar* somente em sua leitura iterativa e não na continuativa. Como *pegar* focaliza a parte preparatória da ação, ele pode selecionar um verbo como *ficar* somente quando ele indica o início da ação.

O PB tem mais expressões eminenciais, como *estar prestes a*, *estar por* (cf. Borges Neto e Gonçalves 2003). A nossa expectativa inicial, então, seria que, se essas expressões indicarem exatamente a mesma fase do evento que *pegar* em posição de V1, elas não poderiam ocorrer como complemento de *pegar*. Embora as sentenças em (59) e (60) mostrem que essas formas não podem co-ocorrer de fato, acreditamos que a explicação para a agramaticalidade dessas sentenças relacione-se com diferentes demandas de seleção. Sabemos que *pegar* seleciona como V2 um verbo agentivo e as perífrases *prestes a* e *estar por* não possuem essa leitura.

(59) *O João pega e está prestes a falar.

(60) *O João pega e está por fazer.

Por outro lado, *pegar* como V1 combina-se bem com outro verbo que foi tratado como iminencial no português a forma *ia*, como em *ia beber* (cf. Borges Neto e Gonçalves 2003). Essa combinação é esperada porque *ia* não só focaliza a iminência da ação como *pegar*. Essa forma veicula outras informações - mais perto de valores modais e, portanto, mais alta na estrutura arbórea. Fica explicada então a coexistência dessas formas na sentença (61), já que *ia* é modal e indica iminência da possibilidade e *pegar* está no domínio aspectual da sentença, indicando iminência do começo da ação.

(61) O João ia pegar e falar.

Em suma, esta seção mostrou que *pegar* veicula uma informação sobre o começo da ação expressa no V2 de forma muito específica. Podemos categorizá-lo como um verbo que indica o estágio preparatório da ação expressa por V2. Essa noção, tratada por Bertinetto (2023) como uma expressão de verbos de fase, é claramente aparentada às noções aspectuais e nos ajuda a entender as distinções aspectuais finas de *pegar*, além de fomentar a proposição de uma posição específica que *pegar* ocupa na estrutura arbórea.

5. Conclusão

A serialização verbal, como um fenômeno sintático e semântico complexo, abarca uma série de subfenômenos existentes e em processo de formação nas diferentes línguas. Neste trabalho, mostramos que as CFFs com o verbo *pegar* do PB se enquadram em um tipo de serialização, aquela em que o V1 veicula aspecto, o que impacta na escolha do verbo na posição de V2.

Levando-se em consideração os dois parâmetros previstos para as construções seriais de VP (Muysken; Veenstra 2007), foi possível verificar o enquadramento das CFFs em ambas as características diagnósticas desse tipo de serialização. Nota-se tanto a restrição lexical, pois os verbos previstos para preenchimento de V1 são dados em quantidade limitada (*ir*, *pegar* e *chegar*), quanto uma relação de maior dependência entre os subeventos, no sentido de que V1 e V2 formam um único evento.

Com base nos estudos de Rodrigues (2006) sobre as CFFs, associados a uma categorização pormenorizada sobre a serialização verbal nos estudos de Muysken e Veenstra (2007) e Aikhenvald (2018), tornou-se possível esboçar uma classificação mais consistente sobre o estatuto das CFFs, especialmente as que contêm como V1 o verbo *pegar*, afirmando-se que estas se enquadram nas serializações de VP. A especificação dessas sentenças como tendo função aspectual, algo não muito claro à primeira vista, favorece estudos futuros pormenorizados da sintaxe dessas sentenças, algo que só delineamos na seção 4 ao detectarmos em que posição sintática aproximada está a projeção de *pegar* serial, e as características de sentenças seriais no geral em PB.

Referências Bibliográficas

- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Serial verbs*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.
- BAKER, Mark. Object Sharing and Projection in Serial Verb Constructions. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 4, 1989.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37a. edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BERTINETTO, Pier. On phasal (better than aspectual) verbs and periphrases. *Grazer Linguistische Studien*, v.94, 2023.
- BORGES NETO, Jorge; GONÇALVES, Rodrigo. Perífrases iminenciais em português. *Estudos linguísticos*, v. 32, 2003.
- CARVALHO, Janayna; LOPES, Maria Isabel. *Uma primeira estruturação sintática das construções foi e fez*. Youtube, 28 de março de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JvwNr2xx3c4&t=721s>.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads: A cross-linguistic perspective*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.
- DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire: principes de sémantique linguistique*. Paris: Hermann, 1972.
- HASPELMATH, Martin. The serial verb construction: Comparative concept and cross-linguistic generalizations. *Language and Linguistics*, v. 17, n. 3, 2016.
- MUYSKEN, Pieter; VEENSTRA, Tonjes. Serial verbs. In: EVERAERT, Martin; RIEMSDIJK van, Henk. *The Blackwell Companion to Syntax*, Vol. IV. Malden: Blackwell, 2007.
- RODRIGUES, Angélica T.C. “*Eu fui e fiz esta tese*”: *As construções do tipo foi e fez no Português do Brasil*. Tese de doutorado/UNICAMP. Campinas, São Paulo, 2006.
- RODRIGUES, Cilene. *I ran prepared this talk in Brazilian Portuguese*. YouTube, 30 de março de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7gLkkmkJD1lo>.
- ROSS, Daniel. *Pseudocoordination, Serial Verb Constructions and Multi-Verb Predicates: The Relationship between Form and Structure*. Tese de Doutorado/University of Illinois Urbana-Champaign. Urbana-Champaign, Illinois, 2021.
- STEFANOWITSCH, Anatol. The English go-(PRT)-and-VERB construction. In: *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. University of California, Berkeley, 2000.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 48, n. 2, 2006.